

# GRANTA

---

NÚMERO 6

# Noite



# GRANTA

REVISTA SEMESTRAL

EDITORA Bárbara Bulhosa  
DIRECTOR Carlos Vaz Marques  
ASSISTENTE EDITORIAL Madalena Alfaia  
REVISÃO E PRODUÇÃO Madalena Alfaia, Inês Hugon, Rita Matos  
e Alda Rodrigues  
GRAFISMO E PAGINAÇÃO Pedro Serpa e Vera Tavares  
COMUNICAÇÃO E PUBLICIDADE Madalena Alfaia  
DPT. COMERCIAL E ASSINATURAS Rute Dias

© Alexandre Andrade, William Boyd, Jordi Burch, A.M. Pires Cabral,  
Matilde Campilho, Dulce Maria Cardoso, Mário Cláudio,  
José Riço Direitinho, Nuno Júdice, Robert Macfarlane, Jay McInerney,  
Antonia Pellegrino, Ana Teresa Pereira, Helen Simpson, Colin Thubron

© ilustrações de Rachel Caiano  
© capa de Jorge Colombo

Publicado sob licença de Granta Publications,  
12 Addison Avenue, London W11 4QR  
© 2015, Granta Publications  
© Outubro de 2015, Edições Tinta-da-china

ISSN 2182-9136  
ISBN 978-989-671-280-8  
Depósito legal: 374466/14

1.ª edição: Outubro de 2015

R. Francisco Ferrer, 6A | 1500-461 Lisboa | Portugal  
Tels. (00351) 21 726 90 28/9 | email: [granta@tintadachina.pt](mailto:granta@tintadachina.pt)



CAFÉ BUENOS AIRES



CALÇADA DO DUQUE, 31-B  
RUA DO DUQUE, 22  
TEL: 21 342 0739

CCB

# As mil e uma noites no Centro Cultural de Belém

música

teatro

dança

ciclos

passeios

jantares

[www.ccb.pt](http://www.ccb.pt)

## ÍNDICE

7	<b>Editorial</b> <i>Carlos Vaz Marques</i>	125	<b>Daqui em diante só há ursos polares</b> <i>José Riço Direitinho</i>
13	<b>A noite, as noites</b> <i>A.M. Pires Cabral</i>	133	<b>Noite no Vietnam</b> <i>Colin Thubron</i>
25	<b>Folk nocturne</b> <i>Matilde Campilho</i>	143	<b>Turno da noite</b> <i>Jay McInerney</i>
31	<b>Criatura</b> <i>Alexandre Andrade</i>	163	<b>O coração do meu mundo ou o papagaio que gostava de bolo de arroz</b> <i>Dulce Maria Cardoso</i>
45	<b>Caminhar à noite</b> <i>Robert Macfarlane</i>	179	<b>O Sonho de Constantino</b> <i>Mário Cláudio</i>
55	<b>Pensamentos nocturnos</b> <i>Helen Simpson</i>	187	<b>Inner landscapes</b> <i>Ana Teresa Pereira</i>
65	<b>Não era amor, eram quatro da madrugada</b> <i>Jordi Burch</i>	195	<b>Uma história de amor</b> <i>Nuno Júdice</i>
97	<b>A noite transfigurada</b> <i>William Boyd</i>	206	<b>Autores</b>
115	<b>Leão com leão</b> <i>Antonia Pellegrino</i>		

"Nessa primeira noite  
ninguém dormiu e toda  
a gente saiu das ci-  
dades para ver melhor  
as sete cores contra  
o fundo negríssimo do  
céu."

José Saramago, *O Ano de 1993*

*Blimunda*, uma casa feita de livros.  
Disponível todos os meses em [www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

## Editorial

Vem e passa a mão pelo dorso da fera,  
E acalma-o misteriosamente,  
ó domadora hipnótica das coisas que se agitam muito!

ÁLVARO DE CAMPOS

Cresci a ouvir falar mal da noite.  
No prédio onde vivi parte da infância morava também um homem que, durante anos, não terei visto mais de meia dúzia de vezes. Era locutor de rádio. Fazia o turno da madrugada. Chegava a casa, todos os dias, quando o sol já começava a despontar. O meu pai ouvia quase sempre bater a porta do prédio ao preparar-se para se levantar, bem cedo.

O facto de o locutor usar cabelo comprido e uma barba desgredada ajudava a compor o quadro. Em minha casa abanava-se a cabeça em sinal de reprovação sempre que o nome dele era mencionado. Vivía uma vida ao contrário.

Havia nisso dois pecados: o nocturno e o diurno. De dia, enquanto toda a gente trabalhava, ele dormia; uma afronta à sociedade e à luz do sol, mesmo nas manhãs mais cinzentas. Em contrapartida, durante o período de repouso de todos os que se tinham cansado no horário de expediente, o gadelhudo (alcunha pronunciada sempre com um ligeiro arrastamento da penúltima sílaba, em sinal de desprezo) entregava-se à sua vida de morcego. Aquilo que fazia não era claro. Trabalhava na rádio, dizia ele. E ao dizer-se que era o que ele dizia deixava-se a ressoar o cristal da dúvida.

Sabe-se lá o que a noite propicia e proporciona.

Perdi a conta ao número de vezes em que me foi garantido que de noite todos os gatos são pardos. Também se dizia frequentemente que deitar cedo e cedo erguer, etc. e tal. O saber em conserva dos provérbios populares estava sempre disponível - e quanto mais rimado, mais verdadeiro.

De dia tudo era azáfama e luz. Tudo resplandecia com o brilho das coisas palpáveis, de ângulos exactos como lâminas. Durante a

madrugada, levantavam-se sombras nos recantos mais insuspeitos. As paredes moviam-se, ganhando vida própria na espessura do breu.

As ruas ficavam entregues a gatunos e gatos vadios, a transeuntes ocasionais e apressados, e à gente da noite. A designação *gente da noite*, sem mais pormenores, vinha implicitamente carregada de recriminações.

Nesse tempo, a noite ainda não era metáfora de coisa nenhuma.

Só bem mais tarde entendi (Tudo o que de bom me aconteceu, aconteceu-me sempre mais tarde; sempre com a urgência de evitar que fosse tarde demais.) que o encanto nocturno tem a sua mecânica própria, impossível de entender por inteiro à luz do dia.

A mecânica da noite é a do brinquedo que irremediavelmente se quebra quando tentamos abri-lo para descobrir como funciona.

Sobre tudo, podem escrever-se tratados objectivos e rigorosos, descritivos, científicos, indesmentíveis; ou: podem procurar-se elos ocultos, memórias soterradas, pequenas verdades íntimas. É este o trajecto nocturno. É pelo demorado caminho da noite que mais rapidamente se chega ao fundo da noite.

Os noctívagos são gente veloz mas sem pressa. Fazem amigos à velocidade com que se desfazem em lágrimas, quando ondas de nostalgia submergem a luz líquida dos candeeiros, entornada sobre charcos de sombra onde se desenham figuras imateriais, impalpáveis e disformes.

Tal como é hoje imaterial, impalpável e disforme o locutor que já só existe na minha infância, onde fui buscá-lo aos repêlões, daquele modo brusco com que se convoca a memória sem quaisquer intuítos melancólicos, tentando apenas ressuscitar o instante mais antigo em que uma ideia, um sentimento, uma imagem se cravaram em nós como estacas, fazendo com que daí em diante tudo passe a girar ao redor desse momento inicial e fundador.

Talvez eu possa vir um dia a inventar, num delírio insone, uma biografia para aquele homem da rádio que renunciou uma parte da vida que vivi anos mais tarde. Serei, porventura, a ilustração biográfica da sua existência esquecida. Pode até dar-se o caso – hipótese

ficcional – de que todas as vidas sejam eco de outras vidas, vividas noutra tempo ou lugar.

É sabido que inventando ficções se atinge por vezes mais intensamente o coração das trevas que nos envolvem. Sonhamos respostas prováveis, alternativas ou descaradamente impossíveis para as grandes inquietações que acompanham aquilo a que (à falta de melhor designação) chamamos condição humana.

Por vezes, a ficção estende os seus tentáculos e vai tomando conta do discurso, de forma insidiosa, como no texto que Alexandre Andrade escreveu para este número da *Granta*: a «criatura» ocupa o lugar do criador.

Também acontece o criador colocar-se no lugar da criatura: foi o que fez Mário Cláudio ao ficcionar, a partir de um fresco de Piero della Francesca, uma cena que nasceu na pintura e ganha agora expressão literária.

Sendo ínvios os caminhos da ficção, tal como ínvios se diz serem os caminhos do Senhor, é também recorrendo a imagens que a narradora do conto de Ana Teresa Pereira põe em marcha a máquina ficcional da autora.

É ainda no jogo de espelhos entre a ficção e a realidade que José Riço Direitinho desvenda um plano secreto para assassinar o escritor francês Olivier Rolin.

Antonia Pellegrino reconstrói os passos árduos no percurso para a quase impronunciável palavra redentora, talvez a única ainda capaz de acender a mais escura noite.

A história contada por Dulce Maria Cardoso serve, no fundo, o mesmo propósito porque, de uma maneira ou de outra, tudo são histórias de amor.

E depois há os poetas convocados para a prosa: A. M. Pires Cabral sublinha, com ironia, o modo como a noite é um tema literário por excelência; Nuno Júdice diverte-se a elaborar o relatório zeloso de um guarda nocturno intrigado com os gemidos por detrás da moita; Matilde Campilho convoca memórias e encantamentos, como quem entoia uma canção puída pelo tempo e cada vez mais verdadeira.



# A NOITE, AS NOITES

*A.M. Pires Cabral*

Faço ideia do espanto — do espanto e do terror — com que os primeiros hominídeos viam todos os dias o sol sumir-se para lá dos montes e o denso mistério da escuridão cobrir a terra, avolumando as muitas ameaças a que mesmo durante o dia estavam sujeitos: os desconfortos da doença, as demasias do clima, as garras dos predadores. Espanto e terror devem ter sido as primeiras emoções provocadas pelo fenómeno noite.

Depois, como tudo, as coisas foram evoluindo naturalmente. A noite passou a ser vista como algo natural, inquietante mas passageiro, em saudável alternância com o dia. A vida estruturou-se em função dessa alternância: passou a haver coisas que se fazem de dia e coisas que se fazem de noite. E acabou por se chegar à conclusão de que a noite, não deixando de ser um reino perigoso, tinha também as suas consolações: aproximava as carnes e incitava ao comércio sexual. Daí nasceu e se consolidou um dos mais populares entendimentos da noite, que ainda hoje se mantém popular e cada vez com mais vigor: a noite como cenário privilegiado para amores. Não andarás longe desse sentido a própria palavra «noite», em frases como «frequentar a noite» ou «ser um homem (ou uma mulher) da noite». Ou no título «Guerra aberta no submundo da noite», que leio agora mesmo no meu semanário de estimação.



## FOLK NOCTURNE

*Matilde Campilho*

### I

Foi no tempo em que tudo o que fazíamos era assistir a programas de televisão sobre Roscoe Holcomb e sobre o desenho difícil das montanhas apalaches. No tempo em que Jorge Donn aparecia dançando em qualquer canto. Fazia frio, acordávamos sempre bastante tarde. Os mais velhos traduziam-nos os textos do grande poeta alemão e nós rejubilávamos com isso. Descobrir palavras era para nós como descobrir os javalis entre os trilhos do canavial. «Olha, tudo brilha», dizias. Os meninos dourados andavam de skate à nossa porta, existiam sete piscinas no bairro, as romãs estavam ao preço da chuva que não vinha, chovia pouquíssimo, a areia do deserto aterrava em nossas moleirinhas sempre que alguém dizia a palavra *sim*. Os nossos avós estavam todos vivos e contavam muitas coisas sobre o tempo de nenhuma guerra. Por causa disso sentíamos saudade de uma época que nunca chegámos a ver.

### II

Nas paredes arrasadas da cidade havia um esboço imperfeito constantemente à nossa espera. Foi no tempo em que todos seguiam as instruções do Carlinhos e do livro do Carlinhos: *what matters most is how well you walk through the fire*. Nosso amor era de índio, fruto do trabalho, mais que sagrado. O destino apontado pelas canções ia-se



## CRIATURA

*Alexandre Andrade*

«Sou da noite», proclamam muitos, como quem se refere a uma filiação espiritual ou a uma afinidade, mística mas no fundo desejada. O tom é quase sempre o de quem reivindica parentesco com os mistérios, grandezas e misérias nocturnas, e desdém pelo tropel de falsidades e miudezas que ocupam o período entre o nascer do sol e o ocaso. A nota implícita é de transgressão; ser «da noite» é desafiar convenções e hábitos, e mover-se numa existência paralela, mais genuína. É sugar o tutano da vida, como se diz por vezes.

Ninguém se sente compelido a anunciar a sua pertença ao dia nem a afirmar-se apolíneo, apreciador da luz, do horário de expediente e da sensata repartição das actividades quotidianas. À falta de indicação em contrário, somos todos do dia: cumprimos horários, comparecemos a encontros, esperamos pela nossa vez no meio do tráfego, visitamos museus, espreitamos a ementa do restaurante, compramos maçãs, pilhas alcalinas, champô.

E a curiosidade inconfessada que a noite suscita, em que alturas e com que fulgor assedia ela os bichos diurnos que regulam o despertador para as sete e meia da manhã com dois ou três dedos bem treinados da mão dominante? Muito esparsamente, como efeito colateral de uma cena do filme visto na véspera, de uma canção ou de





## CAMINHAR À NOITE

*Robert Macfarlane*

TRADUZIDO DO INGLÊS POR ALDA RODRIGUES

O nascer da lua acordou-me à uma naquela início de dia. A tempestade tinha passado, a camada de nuvens diluíra-se um pouco, por isso quando abri os olhos lá estava a lua, redonda e inesperada acima das montanhas. Praticamente cheia, só a forma de um espigo a faltar, escura, do lado direito, com um enxame de estrelas em torno.

Ergui-me a custo e esbocei uns passinhos de dança no terreno coberto de neve, em parte para aquecer, em parte porque, olhando por sobre o ombro enquanto saltitava, conseguia ver a minha sombra lunar a dançar atrás de mim sobre a neve. Havia tanta luz, que isto era possível.

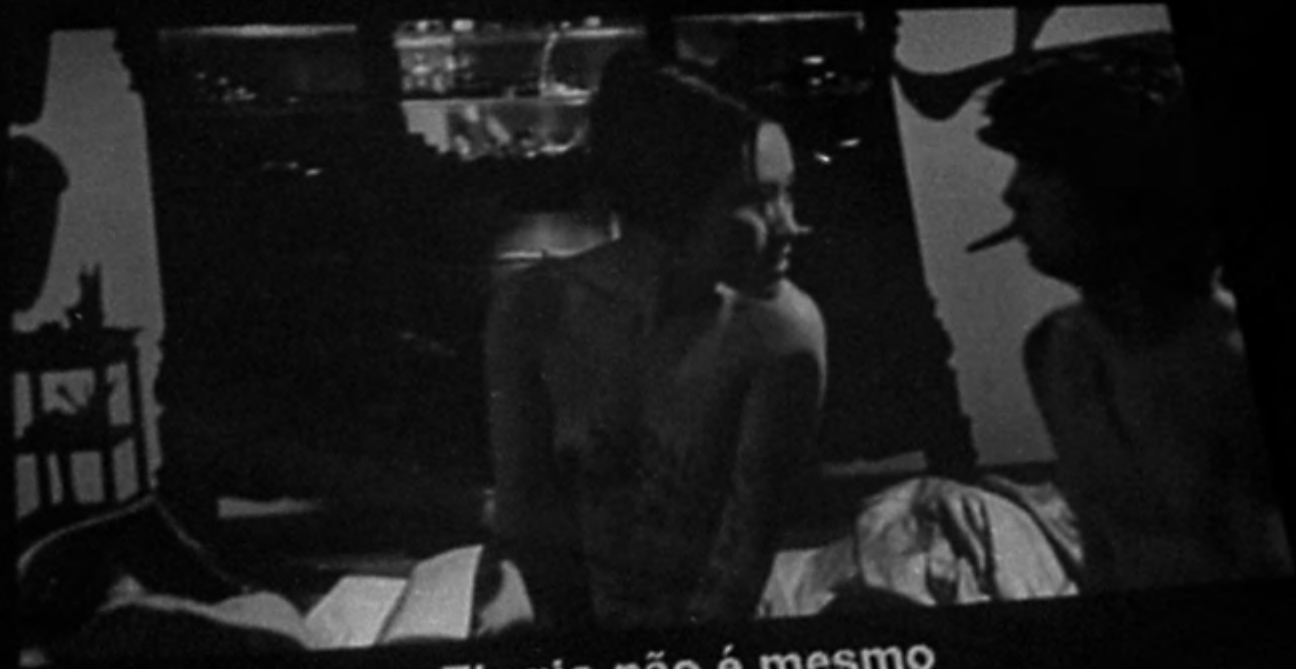
Aquele luar chegara até mim depois de um grande percurso. Deixara o sol a cerca de 186 mil milhas por segundo, para progredir pelo espaço durante oito minutos, ou 93 milhões de milhas, depois foi reflectido pela superfície da lua, seguindo pelo espaço durante mais 1,3 segundos, ou 240 mil milhas, antes de avançar pela troposfera, pela estratosfera e pela atmosfera, e chegar até mim: biliões de fotões lunares a bombardear o meu rosto e a neve à minha volta, enchendo-me o olho de prata e ajudando a minha sombra lunar a dançar.

A neve intensifica o efeito do luar, o que significa que numa noite nítida de Inverno, nas montanhas, se consegue alcançar com a visão uma distância de até 30 milhas. Sei isto não só porque consegui ver

NÃO ERA AMOR, ERAM  
QUATRO DA MADRUGADA

*Jordi Burch*





Elogio não é mesmo  
o seu forte.



## DAQUI EM DIANTE SÓ HÁ URSOS POLARES

*José Riço Direitinho*

Conheci o escritor Olivier Rolin em Lisboa, em 2006, de copo na mão no jardim da casa do então director do Instituto Franco-Português. O acaso que ali nos levou: um jantar oferecido em sua honra após o lançamento da tradução para português do seu inclassificável livro *Suite à l'hôtel Crystal*, que eu apresentara horas antes a convite do editor.

Era uma noite amena de Abril. Não me consigo lembrar de quase nada do que conversámos; provavelmente apenas frases de ocasião e, como não poderia deixar de ser, foram contadas algumas histórias curtas de viagens (recordo que houve pelo menos uma), pelo meio não terão faltado elogios ao livro e ainda, claro, a minha confissão de o admirar enquanto escritor. De entre os nomes de lugares mencionados (e talvez por causa da minha já antiga obsessão em viajar por lugares frios), houve um que se me agarrou à memória como um desenho gravado a pólvora na madeira, um pequeno lume que progrediu devagar deixando o seu rasto escuro: Svalbard.

Rolin encontrara num remoto lugar siberiano, contou ele nessa noite, um homem que lhe perguntou se no dia seguinte queria voar para as ilhas de Svalbard; ele aceitou. Sem que nenhum de nós os dois sequer imaginasse, aí começou uma estranha missão ditada ao longo dos anos por estranhas e inesperadas coincidências.

## AUTORES

---

**Alexandre Andrade** reside em Lisboa, onde nasceu em 1971. É professor na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Publicou os romances *Benoni e Aqui Vem o Sol*, e as recolhas de contos *As Não-Metamorfooses* e *Cinco Contos sobre Fracasso e Sucesso*. Mais recentemente, publicou *Quartos Alugados* (Exclamação, 2015). Participou na edição de 2007 da iniciativa «PANOS — palcos novos palavras novas», com a peça *Copo Meio Vazio* (Culturgest). Mantém o blogue «umblogsobrekleist».

**William Boyd** nasceu no Gana, em 1952. Estudou em Nice, Glasgow e Oxford. Escreveu 11 romances, vários dos quais distinguidos com prémios literários: Whitbread Award e Somerset Maugham Prize para *No Coração de África*; James Tait Black Memorial Prize para *A Praia de Brazzaville*; Costa Book Award para *Inquietude*. Além destes títulos, estão publicados em Portugal *As Novas Confissões*, *A Tarde Azul*, *O Destino de Nathalie «X»*, *Armadillo*, *Tempestade* e *A Solo*. Em 2005, recebeu a recebeu a Ordem de Comandante do Império Britânico.

**Jordi Burch** nasceu em Barcelona, em 1979, cresceu em Lisboa e vive em São Paulo. Estudou no Ar.Co e pertenceu ao colectivo Kameraphoto. Publicou em vários jornais e revistas. Expôs no Museu Nacional de Arte Antiga, na Plataforma Revólver, no Museu AfroBrasil, nos Encontros da Imagem, na Fundação EDP, no PhotoEspana, no Centro Cultural de Luanda, entre outros. Em 2015, publica o seu primeiro livro: *Havia Sol e Éramos Novos*.

**A. M. Pires Cabral** nasceu em 1941. É licenciado em Filologia Germânica. É responsável pelo Grémio Literário Vila-Realense desde a sua criação, em 2006. A sua actividade literária estende-se pelas áreas da poesia, ficção, teatro, crónica e antologia. Estreou-se em 1974 com *Algueres a Nordeste*, e tem publicados até ao presente

mais de 50 títulos. Obteve diversos prémios literários. Está traduzido em alemão, inglês, francês, castelhano, italiano e húngaro.

**Rachel Caiano** é artista plástica e ilustradora. Foi finalista do Prémio Jovens Criadores 2007 e do Prémio SPA 2013. Alguns dos seus livros constam de exposições, como a «The White Ravens», uma selecção internacional dos melhores livros organizada pela International Youth Library. O seu *Pequeno Livro das Coisas* foi distinguido com o Prémio Bissaya Barreto de Literatura para a Infância 2014.

**Matilde Campilho** nasceu em Lisboa, em Dezembro de 1982. Estudou Literatura e História da Arte. Nos últimos anos publicou poemas em jornais portugueses e brasileiros. Traduziu *Drawings*, de Sylvia Plath, para português do Brasil (Editora Globo). *Jóquei*, o seu primeiro livro, foi publicado em Portugal pela Tinta-da-china (Abril de 2014) e no Brasil pela Editora 34 (Abril de 2015).

**Dulce Maria Cardoso** nasceu em Trás-os-Montes, em 1964. É autora de quatro romances e dois livros de contos, tendo-se estreado como romancista em 2001, com *Campo de Sangue*. Foi galardoada com vários prémios e distinções, entre os quais o Prémio da União Europeia para a Literatura, atribuído a *Os Meus Sentimentos*. O romance mais recente, *O Retorno*, foi considerado pela imprensa Livro do Ano 2011. A sua obra encontra-se traduzida em várias línguas e é estudada em diversas universidades.

**Mário Cláudio** nasceu no Porto. Tem uma vasta obra literária pela qual recebeu, entre outros, os seguintes prémios: Grande Prémio de Romance e Novela APE, Prémio Eça de Queirós, Grande Prémio de Crónica APE, Prémio Vergílio Ferreira, Prémio Fernando Namora e Prémio Pessoa, pelo conjunto da obra (2004).

É autor de inúmeros artigos publicados na imprensa nacional e estrangeira.

**José Riço Direitinho** nasceu em Lisboa, em 1965. É licenciado em Agronomia. Publicou dois romances — *Breviário das Más Inclinações* e *O Relógio do Cárcere* — e três livros de contos — *A Casa do Fim*, *Histórias com Cidades* e *Um Sorriso Inesperado*. Está traduzido em várias línguas. Escreveu em vários jornais e revistas. Actualmente, colabora com o *Ipsilon* (suplemento do *Público*) e com a revista *LER*.

**Nuno Júdice** nasceu na Mexilhoeira Grande, em 1949. Formou-se em Filologia Românica pela Universidade Clássica de Lisboa. É professor na Universidade Nova de Lisboa. Foi conselheiro cultural e director do Instituto Camões em Paris. Poeta, ficcionista e ensaísta, recebeu em 2013 o Prémio Rainha Sofia de Poesia Ibero-Americana. Dirige a revista *Colóquio-Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian.

**Robert Macfarlane** nasceu em Halam, uma pequena povoação inglesa, em 1976. Estudou em Cambridge e em Oxford. Escreveu três livros de viagens, todos premiados, nenhum traduzido em Portugal: *Mountains of the Mind* (Somerset Maugham Award), *The Wild Places* (Scottish Non-Fiction Book of the Year Award e Grand Prize Banff Mountain Festival) e *The Old Ways* (Dolman Best Travel Book Award). Com Dan Richards e Stanley Donwood publicou *Holloway*. O seu livro mais recente é *Landmarks* (2015).

**Jay McInerney** nasceu em Hartford, no estado norte-americano do Connecticut, em 1955. Além de escritor, é crítico gastronómico. Em Portugal, estão publicados *As Mil Luzes de Nova Iorque*, *A História da Minha Vida*, *O Último dos Savage*, *Quando o Brilho Cai*, *O Último Solteiro*, *A Boa Vida* e *Um Hedonista na Adega*.

**Antonia Pellegrino** nasceu no Rio de Janeiro, em 1980. É formada em Ciências Sociais pela PUC-Rio. Publicou na revista *Piauí*, no *Ilustríssima* e na *Folha de S. Paulo*. É autora do livro *Cem ideias que deram em nada*. «Leão com Leão» é o primeiro capítulo do seu romance de estreia, a publicar em 2016. Como argumentista, recebeu os prémios de melhor guião da Academia Brasileira de Letras por *Tim Maia — o filme*, e de guião adaptado no Prémio da Academia Brasileira de Cinema pela longa-metragem *Bruna Surfistinha*.

**Ana Teresa Pereira** nasceu no Funchal, em 1958. Escreve romances policiais e contos fantásticos.

**Helen Simpson** nasceu em Bristol, em 1959, e vive em Londres. Escreve sobretudo contos, publicados em várias antologias. *Four Bare Legs in a Bed and Other Stories*, o seu primeiro livro, recebeu o Somerset Maugham Award e o Sunday Times Young Writer of the Year Award. *Hey Yeah Right Get a Life* foi distinguido com o Hawthornden Prize. Em 1993 foi incluída pela *Granta* na selecção Best of Young British Novelists, e em 2002 recebeu o E.M. Forster Award. Nenhum dos seus livros está publicado em Portugal.

**Colin Thubron** nasceu em Londres, em 1939, cidade onde vive. Estudou em Eton. É autor de vários romances e livros de viagens, e considerado um dos mais importantes escritores europeus do pós-guerra. Em Portugal estão disponíveis somente três títulos: *Na Sibéria*, *Até à Última Cidade* e *A Sombra da Rota da Seda*. É presidente da Royal Society of Literature e, em 2007, recebeu a recebeu a Ordem de Comandante do Império Britânico. Escreve regularmente no *Times*, no *Times Literary Supplement* e na *Spectator*.

A Granta foi  
composta em caracteres  
Plantin e impressa na Guide, Artes  
Gráficas, em Arcoprint Milk de 85 g e  
X-Per Premium White 120 g, em Outubro de 2015.